

"Restos" de Bernardo Santareno, na Comuna

Liberdade no fundo da seringa



OS ÚLTIMOS escritos de Bernardo Santareno — publicados em 1979, com o título "Os Marginais e a Revolução" — fogem muito ao tom habitual da obra teatral do autor. Caracterizam-se pela brevidade e pela urgência. É certo que todas as peças de teatro do autor falam, "latu senso", de temas delicados, marginais ou mesmo malditos. Mas, no caso dos grandes textos, encobre-os um véu de delicadezas e alegorias que o clima da censura justificava, se é que não o exigia.

No último volume, pelo contrário, os textos despem-se de todos os pudores, tornando-se mais incisivos e indomáveis. São curtos e falam abertamente da sexualidade minoritária, dos travestis, da prostituição, de drogas e drogados.

"Restos" é uma peça sobre a droga. E pode considerar-se um "best-seller". Uma lista completa dos espectáculos que já se fizeram

baseados em "Restos" seria uma surpresa até para o autor, se fosse vivo. E a presença simultânea, em Lisboa, de dois espectáculos baseados em "Restos" é um recorde raro que só os autos de Gil Vicente costumam bater.

O espectador tem, pois, o ensejo de ver "Restos" em duplicado: no Auditório Carlos Paredes e na Sala Um da Comuna. Trabalhos, respectivamente, do Teatro de Carnide (com Miguel Barros, Célia Celas ou Sandra Celas) e do grupo Actornauta (com João Lobo e Rosa Mãe).

Peça para duas personagens, dependentes terminais da droga, "Restos" capta com agudeza o inferno e o céu dos jovens que se injectam em cena. Figuras à beira do naufrágio, à espera duma "madrugada sem dia". O ódio mútuo que os separa é tão grande como o amor que, mutuamente, os une à droga.

Na produção do Teatro de Carnide, o encenador José Baioa apagou praticamente

o contexto revolucionário no meio da qual vivem e morrem estes marginais. A encenação do actornauta Pedro Assis (na foto) inclui o texto na íntegra e, vendo-o, é fácil concluir que não havia necessidade de enquadrar politicamente estas vítimas do ópio que procuram "a liberdade no fundo duma seringa". A Droga e a Morte nivelam tudo e todos, não sendo significativo que Misú tenha um pai CDS e Tomané seja filho dum pai PS.

Com mais ou menos efeitos de luz ou som, ambos os espectáculos são de uma grande limpidez e de uma grande crueldade, a que não se pode ficar insensível. Por isso, o espectador sensível (vestindo, se necessário, o impermeável da insensibilidade) poderá ver os "Restos" que lhe fiquem mais próximos: no Auditório Carlos Paredes, de 3ª a sáb., às 22h, e dom., às 16h. Ou na Comuna (sala 1), de 4ª a dom., às 22h. ■ M.J.G.